UM OLHAR SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

Miriam Elisabete Renner.
Escola M. D. Renê Barbour/Extensão do Campo
miriamelizabete@hotmail.com
Maria Edna de Araujo
Escola M. D. Renê Barbour/Extensão do Campo
ednaaraujodocampo@gmail.com
Osenil Soares da Silva Bueno
Escola M. D. Renê Barbour/Extensão do Campo
oseniltga@gmail.com

Resumo:
Conhecer a importância da transformação das paisagens em que vivemos nos faz reesignificar nossa maneira de ver o lugar ao qual estamos inseridos, compreendendo o mundo pelo olhar do outro. Ao propormos estudar sobre esse assunto investigamos o recorte sobre: "A Transformação da Paisagem Provocada por um Projeto de Assentamento no Município de Nova Olímpia" no período de 1997 a 2008. O texto apresenta a análise das transformações ocorridas na paisagem do Projeto de Assentamento Riozinho no município de Nova Olímpia-MT, na perspectiva dos próprios assentados. O grande afluxo de pessoas atraídas pela possibilidade de melhorar de vida trabalhando na cultura canavieira vai gerar uma população de excluídos que se organizam em prol do sonho de ter um pedaço de terra próprio. A pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo, cujo dado foram coletados através de um questionário fechados aplicado a 20% dos assentados e entrevistas com os primeiros moradores o que permitiu fazer um paralelo entre o passado e o presente e a influência que essas mudanças têm na vida dos assentados. Ao finalizar, expressamos nossa compreensão sobre o trabalho no que se refere ao espaço e a paisagem, pois sua formação não se dá de forma aleatória, mas se constrói através da dinâmica social.

Palavras Chave: Assentamento Riozinho; paisagem; história.

Em 1996, foi organizado o primeiro acampamento de sem terras nas margens da BR 358 que teve pequena duração, pois ocorreu um acidente no local em que foram mortas 05 pessoas que estavam acampados no local por uma carreta desgovernada e com isso os trabalhadores consideravam este local muito perigoso. Passaram então a reivindicar junto ao poder público municipal uma nova área. A área cedida atualmente é ocupada pelo parque de rodeio. No dia 12 de março de 1997, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Olímpia, comunica aos trabalhadores cadastrados que iriam acampar na área da fazenda "João Lopes" localizado na localidade denominada Riozinho. A terra era devoluta do Governo Federal, era uma região de grilagem, segundo depoimento dos assentados mais antigos, muitos fazendeiros tinham peões e jagunços nesta área para defender esse território, e que foram encontrados muitos vestígios que comprovam essa história como: cercas, fivelas de cinto de peão, estrivo de animal. Estes fatos instigam os assentados acreditarem que anteriormente a sua chegada, muitos já perderam suas vidas lutando pela posse dessas terras.

Ao chegar às terras os trabalhadores construíram seus barracos de lona preta e folha de babaçu as margens do rio Jacutinga, a fazenda era coberta por uma vegetação nativa composta de cerrado onde existiam muitas árvores nativas como: lixeira, carvão branco, angico, quina, gonçaleiro, pequizeiro. Também possuía alguns espaços de florestas onde predominava árvores com madeira de lei como peroba mica, jatobá, aroeira, ipê, cedro, Angelim, sucupira, cambará.

Após muitas ocupações no INCRA e reivindicando urgência junto aos órgãos públicos para que tomassem providência em demarcar as terras para efetivação do assentamento, o sonho fora realizado no mês de outubro do ano de 1998, os sessenta e um trabalhadores puderam dirigir-se até os seus lotes que foi escolhido por meio de sorteio. Cada assentado recebeu 13 alqueires e meio, em média 30 hectares, segundo o INCRA esse percentual de terras poderia ser usado integralmente pelos assentados porque havia ficado uma quantidade de reserva muito grande que fazia divisa com a Serra Tapirapuã, porém o Sindicato não concordou e fez uma nova demarcação desse espaço no ano de 1999, e foram beneficiadas mais dez famílias, totalizando 71 famílias no assentamento. Agora pela ordem do INCRA cada propriedade deve deixar 30% da área adquirida para reserva, com o objetivo de que cada assentado possua uma área de preservação ambiental.

Ao demarcarem os lotes foi reservado um espaço de nucleação denominada Agrovila na parte leste do assentamento com a doação de um lote de 20X40 para cada assentado juntamente com uma área reservada para a construção de igrejas, barracão, campo de futebol. Segundo depoimento dos assentados a estrada principal que liga o assentamento á cidade e adjacentes sempre existiu, porém, as estradas vicinais necessárias para chegar aos lotes foram inicialmente abertas manualmente pelos assentados utilizando foices e moto-serra. Após negociações com a prefeitura e o INCRA, foram liberados recursos para a construção das estradas, pontes e aterros que foram realizados com maquinário da prefeitura a qual também contribuiu com o transporte das mudanças até os lotes. Muitas famílias já possuíam animais domésticos, como galinhas, porcos, vacas de leite, e muitas mudas de árvores frutíferas, que iriam plantas na sua propriedade.

A melhoria para o assentamento demorou chegar, então foram necessárias muitas idas até Cuiabá-MT, até mesmo a interdição da BR – trevo – Barra do Bugre, para que o INCRA liberasse os recursos como o Fomento que era um dinheiro de Fundo Perdido, o material para a construção das casas de alvenaria que chegou ao ano de 2000 e foram construídas no regime de mutirão, com uma metragem de 6X7. Nesse mesmo período iniciou-se a organizarem uma associação dos assentados, pois os recursos provenientes do INCRA para o assentamento,

somente seriam liberados via associação. Com isso o programa da PROSOL doou um trator para associação que foi utilizado nas atividades agrícolas. Em dezembro de 1999 foram adquiridos os primeiros recursos pelos assentados, o PRONAF-A, eram financiamentos para realizar as infra-estruturas em cada lote, como: lascas, arame, derrubadas, plantio, compra de gado leiteiro e de corte, carro de animal, etc. esses projetos eram orientados e executados pela EMPAER de Nova Olímpia juntamente com o Banco do Brasil, muitos assentados já pegaram o segundo financiamento o PRONAF – A/C que possui os mesmos itens do primeiro.

No ano de 2000 por intermédio do INCRA foram instalada energia para 15 moradores e em 2006 o programa do Governo Federal – Luz Para Todos – veio para concluir a obra de energia elétrica instalando em cada sitio um padrão com um transformador de 5 KW e cinco lâmpadas em cada residência. Esse feito trouxe conforto e alegria á todos, pois mudou a rotina dos moradores. Já no ano de 2007, o Governo Federal juntamente com o INCRA, a prefeitura municipal e a associação firmaram um convênio com o PAC (Projeto de Consolidação dos Assentamentos), que tem por objetivo construir algumas benfeitorias no assentamento como: a instalação dos poços artesianos, caixa de água e encanamento até as casas dos sitiantes a reforma das casas, Barracão multiuso, resfriador de leite, sala de áudio e vídeo para realização de cursos de informática, a preparação de três hectares para o plantio, incluindo se necessário o uso de máquinas pesadas para o desmatamento e destocagem. Porém, desses benefícios apenas à água que foi instalada o restante ainda não foram concluídos e muitos assentados já desacreditam que será realizado. O assentamento é banhado pelos rios Jacutinga, Lambari, Carvoeira, os córregos que são: Taquara, Taquarinha, que deságuam no Rio Branco. Apresentam várias qualidades de peixes como: lambari, piau, piaba, traíra e outros, também são muito importantes para a irrigação dos produtos de hortifrutigranjeiros e para utilização dos animais. Seus limites territoriais ao norte são com a Fazenda Flor da Serra, ao sul com a Gleba dos Paulistas e a Fazenda de Devaldo Sansão, ao leste com a fazenda de Eleno Bibiano, do Loro e dos Barretos, á oeste com a Fazenda São Judas Tadeu de Enesio Capato.

Todas as transformações do espaço ocorridas no assentamento Riozinho foram muito significativas, pois, não só mudou a paisagem, mas também a vida das pessoas que vieram construir seu lugar. O lugar compõe a dimensão da existência que se revela através de um cotidiano compartilhado entre várias pessoas, são a base da vida em comum, é a construção da nossa história, guarda uma dimensão prática-sensível, real e concreta que aos poucos vai se revelando através da convivência e da observação. Ele representa o mundo vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos.

Entretanto, podemos perceber que a construção do lugar pelos assentados, está relacionada com o espaço adquirido e suas ações impressas na paisagem, transformando-a, aperfeiçoando-a, para suprir suas necessidades existenciais. Estão impregnadas nas relações sociais e com o ambiente como um todo. Diante de todos os fatos descritos, podemos perceber que as transformações das paisagens são resultados da ação da sociedade sobre ela, como forma de adaptação e sobrevivência, não apenas ocorrendo transformações físicas mais principalmente sociais, pois ambas se fundem num contexto intrínseco e dinâmico. A preocupação de o homem entender e se perceber como parte integrante de uma história que é transformada constantemente, nos leva a entender as situações sociais dentro das dimensões de espaços e tempos.

Essa discussão é realizada com base na consciência da historicidade, ou seja, no como os indivíduos se percebem inseridos no tempo e no espaço; no como os indivíduos percebem e explicam o cotidiano e no como distinguem esse cotidiano do próprio conhecimento. Essa compreensão é necessária porque permite analisar como esse homem se percebe dentro do tempo e do espaço e que contribuições são feitas por ele para a transformação ou não das paisagens. GOMES (1996) descreve que o espaço deve ser entendido com uma postura epistemológica totalizadora, como um sistema complexo distinto, mas ligados entre si por certos números de relações, nos possibilitando conhecer a humanidade e o planeta Terra na sua unidade, não só física e bio – física, mas também histórica.

A partir deste contexto e dos dados da pesquisa iremos constatar como ocorreu à transformação da paisagem provocada pelo Projeto de Assentamento Riozinho no município de Nova Olímpia – MT.

Durante a realização da pesquisa com idas às casas dos assentados, no primeiro momento já podemos perceber como se apresentava a transformação da paisagem em cada sitio e após as entrevistas e conversas informais percebemos a relação que cada assentado têm com o lugar e a influência que essa relação tem com o espaço que vive e como utiliza esse espaço.

As respostas do questionário aplicado contribuíram para responder o objetivo da pesquisa que era o de perceber se os assentados se reconheciam como transformadores da paisagem, e que a densidade demográfica do assentamento corresponde a levas de migrantes das diversas regiões do país que vieram para este lugar em busca de melhores condições de vida.

Um grande afluxo migratório é percebido em Nova Olímpia, oriundos principalmente dos estados da Bahia, Alagoas e Ceará, com objetivo de trabalharem no corte da cana–de-

açúcar devido que, na década 80, o Distrito sofreu um grande acontecimento que marca e influência ate hoje na sua história; A chegada do Grupo Olacyr de Moraes que adquiriu propriedades de pequeno e médio porte para o plantio da cultura de cana de açúcar e a implantação da Destilaria Itamaraty tornando os canaviais a principal atividade agrícola.

Segundo os dados da pesquisa, a maioria das famílias do Assentamento Riozinho chegou a terras novaolimpienses em períodos cruciais da nossa história. Podemos observar que 25% dos moradores chegaram à Nova Olímpia antes de 1970, e segundo relatos dos assentados o motivo que impulsionou a vinda de imigrantes nessa época foram os baixos preços das terras que ficam localizadas as margens da BR 364 e MT 358 as quais foram construídas nesse período. Apesar do baixo preço, muitos não adquiriram as terras e os que as adquiriram, por diferentes motivos, não conseguiram mantê-la. Contudo, a origem dessas famílias é rural, e seus laços afetivos com o campo estão arraigados, elas buscam alternativas de voltar às atividades agrícolas, e essa oportunidade é vislumbrada quando surge a oportunidade de organizar-se com os movimentos sociais e lutar por um pedaço de terra. O assentamento em estudo foi organizado principalmente pelas forças sindicais do município e as famílias que faziam parte, foram escolhidas por meio do preenchimento de uma ficha cadastral, a qual deveria atender as exigências do órgão e se dispor ficar acampado. No ano de 1998, sessenta e uma famílias puderam dirigir-se até os seus lotes. Cada assentado recebeu 13 alqueires e meio, em média 30 hectares.

Com o passar dos anos muitos dos que adquiriram os lotes desistiram da terra e os venderam. Os dados que foram extraídos da pesquisa demonstram que hoje há no assentamento um percentual significativo das famílias que ali vivem adquiriu sua propriedade por meio de compra de terceiros. Essa prática muito vista no assentamento, segundo depoimento de um assentado. “As terras aqui não são boas para o plantio, tem muito pedaço embrejado e outros que são cascalhos grossos, que até o capim é duro de sair, e não temos apoio do governo para melhorar nossa vida o jeito é vender, e voltar pra a cidade”.

A análise da amostra pôde observar que a maior parte dos assentados que estão no lote, o adquiriram por meio de compra de terceiros, demonstrando que a luta pela simples posse da terra não foi tão eficaz. É preciso avaliar os reais motivos que os levaram a adquirir a terra e vendê-la depois. Podemos fazer uma analogia sobre as questões levantadas: o órgão que organizou o assentamento não selecionou os interessados em construir o lugar no assentamento, sendo apenas uma oportunidade de angariar recursos financeiros? Ou os trabalhadores agiram de má fé? O modelo de reforma agrária proposto é ineficiente?

No ano de 2000 os assentados sentiram necessidade de se organizarem e formaram uma associação, atualmente a associação está funcionando, porém sua administração não está agradando os moradores. Também as mulheres que se uniram em busca de ocupar seu espaço dentro do assentamento com o objetivo de garantir uma renda mensal formaram uma associação de mulheres e produzem produtos artesanais como farinha de mandioca, sabão, pão, bolo, biscoito, etc. e vendem na feira na sede do município. Segundo uma moradora o mais novo objetivo da associação é a instalação de uma cozinha industrial para fabricação de doces cristalizados e conservas que está sendo adquirida junto à "PRODEZA" com recursos do programa de fundo perdido do Governo Federal.

Outra forma de demonstrar sua vontade de construírem ali seu lugar são as igrejas, sendo uma da Assembléia de Deus já concluída e uma católica em construção.

Possuem ainda uma área esportiva e cultural com um campo de futebol gramado, uma quadra de areia, um barracão usado para festas e reuniões, e um parque de rodeio com área de montaria e tiro de laço, estas instalações estão construídas na agrovila do assentamento com esforço e organização dos assentados.

Com o intuito de questionar os assentados sobre sua participação nestas organizações sociais e culturais do assentamento levantemos essa questão, pois acreditamos que uma sociedade só será organizada se seus membros participarem das decisões que influenciam sua formação. Diante destas colocações comparemos os dados da participação dos assentados nas organizações do assentamento destaca-se a participação dos mesmos nas igrejas e associações.

Por acreditar que os benefícios não chegam á um lugar sem que haja o querer do povo que reivindica, questionei os assentados sobre a quem eles atribuem a responsabilidade pela melhoria das condições de vida no assentamento, foi apresentado um percentual de 60% as associações, 15% aos assentados e 25% ao poder público. Esta resposta confirma a importância que a ação coletiva tem para cada indivíduo na transformação do meio em que vive.

A partir do relato de alguns assentados e de dados coletados pelo questionário, verifiquei que o fato de 50% reside ali desde a ocupação da terra e 50% comprou o lote, e que, quando chegaram não havia muita floresta nativa, pois os primeiros donos desmataram a mesma para vender a madeira de lei para fazer lasca para cercas e o restante empreitava para os cortadores de lenha tirar para vender a madeira para as cerâmicas da região ou fazer carvão, fazendo da transformação da paisagem forma imediata de sobrevivência. Atualmente essa prática ainda ocorre, e é o sustento de uma grande parcela de famílias do assentamento.

A vegetação do cerrado foi basicamente tomada pelas pastagens por apresentar uma vegetação mais escassa e ser mais fácil penetração na hora de roçar e praticar a queimada.

Muitos lotes estão abandonados, e evidenciam uma paisagem com vegetação nativa intocada, segundo depoimento dos vizinhos, os donos moram na cidade e só vem nos fins de semana, não possuem animais domésticos e o quintal está abandonado.

Os dados coletados sobre como a propriedade de terra estava nos aspectos relacionados à vegetação, foram os seguintes: que 50% com muita floresta nativa e que 50% estávamos cobertos por uma vegetação rasteira oriunda de serrado nativo.

Portanto, ao considerar a paisagem um construto sócio-cultural, este possibilita a compreensão e a percepção em seus atributos técnicos, visuais e estéticos, pois, revela as históricas relações entre sociedade e a natureza, gerando as sucessivas relações espaciais. Pois:

> A perda da biodiversidade, o desencadeamento de processos erosivos intensos e a perda da fertilidade dos solos constituem sérios problemas que vem se agravando em ritmo acelerado e que poderiam ser evitados se a extração fosse realizada com sustentabilidade ambiental. (MORENO e HIGA 2005 p.94).

Por acreditar que o homem que vive no campo precisa produzir seu alimento para sobreviver, sendo esta uma questão que transforma a paisagem, questionei os assentados sobre o tipo de cultura que predomina em seu sítio e obtive as seguintes resultado: 47% possuem pastagem, 43% produzem hortifrutigranjeiros, 5% trabalham com lavoura de subsistência e 5% fazem reflorestamento.

Segundo os dados e relatos dos assentados eles realizaram essas práticas por não dispor de recursos financeiros para investir na formação das terras e aplicar os insumos necessários para torná-la fértil para o plantio e produção em grande escala dos produtos hortifrutigranjeiros. O que também contribuiu foi que a vegetação nativa ser escassa podendo assim realizaram a derrubada manual para formarem suas pastagens e lavouras de subsistência.

Em muitos lotes visitados pude perceber a existência de uma vegetação que sofreu modificação, porém não apresenta vestígios de preservação do trabalho que foi realizado, ocorrendo assim, uma renovação das matas ciliares e vegetação rasteira. Verificando que a transformação da paisagem nos lotes dos assentados ocorre de forma muito lenta por que os assentados só investem na melhoria do lugar quando fazem financiamento e durante o período que não possuem condições financeiras a maioria das terras que foram trabalhadas volta ao estágio inicial por falta de recursos.

Nesse sentido a paisagem foi sendo modificada para suprir uma necessidade de sobrevivência, num determinado tempo e espaço, pois a mesma se constitui de vários elementos, os quais por vezes, não são percebidos pelos assentados porque fazem parte dela e estão envolvidos no processo de transformação.

Considerando que a transformação da paisagem se dá pela intervenção da sociedade nos espaços ocupados e essa interferência resulta na modificação e transformação do lugar. A partir disto, é importante compreender esses processos para melhor entender a realidade dos movimentos, das lutas e conquistas motivadas pelas relações com os demais seres humanos e com o meio. Por meio dessa inter-relação se dá a organização da sociedade e se estruturam os sistemas econômicos, políticos e sociais.

A organização espacial é a expressão da organização econômica e social dos diversos grupos humanos que vão construindo diferentes paisagens de acordo com as suas necessidades e, desta forma, transformando o espaço que habitam. Por acreditar que o foco da análise do espaço deve ser a dinâmica da transformação da paisagem, não apenas a sua descrição, mas buscando conhecer seu processo histórico de formação e transformação o que nos levará a conhecer por que se apresenta dessa forma e o que a modificou.

A partir desses conceitos construídos, compreendemos que as transformações da paisagem ocorridas no assentamento Riozinho no município de Nova Olímpia são decorrentes do modelo de organização e ocupação do espaço conquistado.

Considerando assim, que a transformação da paisagem percebida no assentamento está diretamente relacionada com a implantação do assentamento em estudo, e a relação dessa sociedade com a paisagem ocasionou a mudança do espaço geográfico, pois as relações de interdependência entre a sociedade e a natureza, ocorrem como forma de sobrevivência dessa sociedade.

Os objetivos que amparam a instituição que organizou o assentamento também influenciaram na sua forma de ocupação e a transformação das paisagens, pois não possuíam domínios sobre a permanência dos assentados no lugar, isso ocasionou uma desordem, pois aqueles que se apropriaram do espaço como forma de adquirir recursos financeiros e depois venderam seus direitos de posse, ocasionaram assim a desestruturação do lugar e a degradação das paisagens, retirando as madeiras de lei das florestas nativas para comercializar e angariar recursos financeiros. Todas essas mudanças são percebidas pelos assentados e é o que garante um relacionamento amável pelo lugar, tornando assim a vida em sociedade mais prazerosa empregando laços de amizade entre as pessoas e entre estas e seu meio.

As relações entre a sociedade e as paisagens estão em um constante recriar-se e reestruturar-se, com isso o ir significa em optar por situações de mudanças que possam estar atreladas na forma como o homem se posiciona frente ao espaço construído num determinado momento histórico. Nem sempre as pessoas se dão conta deste fato, isto ficou claro ao observar que nem todo o assentado pesquisado percebe-se co-autores das transformações do espaço em que vivem acreditando que a mesma está baseada na ação do outro ou apenas da própria natureza, visto que alguns relatam que a paisagem se encontra assim devido a sua formação natural ou ação de quem esteve ali antes.

Diante de todo o trabalho desenvolvido, acreditamos que muitos conhecimentos foram adquiridos, possibilitando definir alguns conceitos primordiais sobre a sociedade do campo. Compreendendo que a construção da historicidade de cada indivíduo, nos possibilita compreender a realidade presente e a totalidade dos complexos históricos que de algum modo condicionam o presente e influenciam na transformação da paisagem e de sua importância na vida das pessoas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Luiz José. Porto dos Gaúchos - No coração da selva uma história real. Uni gráfica Cuiabá MT (2002).

MARQUES, Maria Inez Medeiros apud GRABOIS. O conceito de espaço rural em questão. Disponível in http://www4.fct. Unesp. Br /nera / Arquivo % 20 disciplinas/ Marta. Pdf. Acesso em 15/06/2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia/ Ministério de Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

MENDONÇA, Cláudio, BRANCO, Anselmo Lasaro, LUCCI, Elian Aladi-Geografia Geral do Brasil – ensino médio Saraiva, São Paulo- 2 ed. 2005.

GOMES, Marinalva. Monografia – Conhecimento Tradicional e Práticas Agrícolas no Assentamento Rio Branco em Nova Olímpia – MT. UNEMAT Tangará da Serra –MT 2006.